

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 3 /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0657-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.570222709>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Mídias, temporalidade e processos sociais em perspectiva

Como saber se uma obra trata do tempo presente?! Como identificar os processos sociais e culturais que afetam e são afetados pelos atores sociais deste tempo?! Pode haver diversas maneiras, mas certamente observar e analisar as mídias de uma época e as discussões a respeito delas é uma das formas, para se conhecer, tanto a temporalidade desde onde se fala, quanto os processos sociais e culturais imbrincados neste contexto.

Como ressalta o professor e pesquisador da cibercultura André Lemos, em uma entrevista para a TVUFBA (2005), as capacidades cognitivas dos seres humanos são, em grande medida, fruto de suas interações com as tecnologias, desde as mais remotas como o fogo, ou as pedras até as mais recentes como os aplicativos ou o metaverso, por exemplo. Portanto, com o correr do tempo, os avanços tecnológicos são incorporados de tal forma à vida social, que passam a se constituir, também, como textos culturais. Mas, como lembra o mesmo professor, o desenvolvimento ferramental da mídia não é sinônimo de que as relações humanas se tornem menos relevantes, pelo contrário, assim como o filósofo Zigmund Baumann (2011), Lemos (2005) diz que, quanto mais conectada a pessoa esteja, maior é sua busca por estabelecer relações com outras pessoas.

Essas mudanças nas estruturas sociais acontecem prioritariamente via suportes midiáticos, com destaque para os celulares, um dos ícones mais representativos da cultura da convergência, “onde as velhas e novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” como explica Jenkins (2009, p. 29). Aliás, estes aparelhos são os “entes” mais próximos e familiares de cada pessoa na sociedade contemporânea. Como lembra Bauman (2011, p. 06), esses aparelhos são carregados “no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos”, transformando-se, deste modo, em espécies de próteses contemporâneas, porém com muito mais recursos do que qualquer membro humano, se visto isoladamente.

Mas ainda que estes aparelhos sejam os “entes” mais próximos e familiares da grande maioria da população, ainda não substituíram as relações humanas, que continuam a existir, mesmo via ciberespaço. Como coloca Adriana Souza e Silva (2004), as relações sociais e interações humano-humano tendem inclusive a aumentar após a ascensão da internet móvel, principalmente via celular, com os quais podemos estar em qualquer lugar. E a adesão aos aplicativos ou participações em redes sociais nos demonstram isso, pois a grande maioria deles surge para movimentar ou proporcionar relações entre pessoas, mesmo num tempo em que ninguém tem tempo a perder.

E, ainda que vejamos no cinema relações afetuosas entre humano e máquina, em filmes como: O Homem Bicentenário (CHRIS COLUMBUS, 1999), Her (SPIKE JONZE,

2014), *Ex-Machina: Instinto Artificial* (ALEX GARLAND, 2015), dentre outros, na atual conjuntura, a grande busca da humanidade ainda é por ser vista, notada e se relacionar com pessoas. Aliás, como salienta Jenkins (2009), na atualidade as produções são no geral colaborativas, sendo, portanto, possível inferir que as trocas são demasiado importantes para a construção dos saberes. Portanto, mesmo que se queira aprofundar os laços afetivos e os avanços tecnológicos contribuem para isso, na medida em que proporcionam cada vez mais acesso a relacionamentos; as pessoas, por outro lado, tem sempre menos tempo para alimentar cada relação, pois estas agora encontram-se na casa das centenas ou até milhares de conexões.

No caso do aplicativo Whatsapp, por exemplo, ao qual eu dediquei já certo tempo de estudo, seus criadores Brian Acton e Jan Koum (2012), em postagem no Blog do WhatsApp, falam sobre a vontade de desenvolver algo que deixasse os usuários acordados e que simultaneamente fosse aquilo pelo que as pessoas anseiam de manhã. Assim, o aplicativo surgiu como uma alternativa a mensagens do tipo SMS, que além de terem custos de envio, não dispunham das mesmas inovações ofertadas pelo WhatsApp, como envio de fotos, mensagens de áudio e vídeo. Eles tinham tanta razão, que o aplicativo atualmente é o mensageiro mais popular entre usuários de smartphones do mundo. Assim como tantos outros avanços tecnológicos, este surgiu para facilitar a comunicação entre as pessoas, afinal “custo e distância nunca deveriam evitar que as pessoas se conectassem com seus amigos e família” (Blog do Whatsapp, 2014) e é claro que pelo menos de início, de forma ideológica e às vezes utópica estas são criadas para serem compartilhadas “nós não vamos descansar até que todo mundo, onde quer que estejam, possam desfrutar desta oportunidade.” Deste modo, à medida que o tempo avança, as novas tecnologias são incorporadas de tal forma na vida social, que passam também a constituir os textos culturais da sociedade.

No caso específico do WhatsApp sua relevância social ganhou mais notoriedade e tornou-se consubstanciada ao alcançar a marca histórica de 1bilhão de usuários, em fevereiro de 2015. Tornando-se um dos poucos serviços que conectam esta quantidade de pessoas. O post “Um bilhão” datado de 01 de fevereiro de 2016 disponível no Blog do WhatsApp diz “(...) quase uma em cada sete pessoas na Terra usa WhatsApp todo mês para estar em contato com seus amados, amigos e família”. O mesmo post apresenta diversas situações sobre o uso ou inserção do WhatsApp “Seja ao compartilhar informações vitais durante um desastre natural, uma situação emergencial de saúde, ou ao marcar um encontro, começar um pequeno negócio, comprar um anel de noivado, ou simplesmente na esperança de encontrar uma vida melhor” apresentando-o como uma ferramenta facilitadora e propagadora da comunicação e conseqüente colaboração humana. A partir desta colocação é possível pensar neste aplicativo, como algo ligado e projetado para o tempo do lazer/fruição, porém, o aplicativo pode servir paradoxalmente como uma ferramenta capaz de “aumentar” o tempo que as pessoas dedicam ao trabalho.

A sociedade contemporânea tem seus meios de pressionar os cidadãos para que fiquem on-line 24 horas, seja para o trabalho ou para o lazer/fruição. Deste modo, o telefone celular, objeto que há algumas décadas atrás não fazia parte do cotidiano da maioria das pessoas, hoje assume papel de protagonista e segue o tempo todo junto (literalmente), da imensa maioria, do nascer a muito depois do pôr-do-sol. O que faz com que os recados enviados pelo WhatsApp sejam realmente mais eficientes, ou mais rapidamente vistos, do que os transmitidos por grupos de Facebook ou pelos antigos SMS. Para uma sociedade ansiosa, construída sob a égide da descontinuidade, da volatilidade e da fluidez, uma função que certifique a entrega e leitura das mensagens enviadas vem bem a calhar. Talvez com isso em mente e tendo como plano de fundo a questão de “economia” de tempo, a equipe do aplicativo lançou os tiques azuis, que aparecem do lado das mensagens.

É navegando por esta enseada que o livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 3” vai desenhando sua rota e dialogando com questões sociais prementes da contemporaneidade, dentre elas: a busca por resgatar o convívio, entre os discentes/estagiários do Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), fortemente abalado pela Pandemia de Covid19; a representação da vítima de feminicídio nas reportagens do Jornal Nacional; o uso de *soft power* pelo exército sul coreano, que importou estratégias da indústria do K-pop para transformar esse serviço em uma experiência cultural geradora de renda e propagandas positivas para as forças armadas, quando o ídolo Park Chanyeol, membro do grupo EXO, realizou seu alistamento; a explanação sobre como a cultura adquire e organiza o conhecimento em um determinado período histórico; a análise de promoção das marcas inseridas em uma narrativa seriada; as dimensões textuais, a prática discursiva e social que envolve o Superman, personagem ideológico, que não existe concretamente, mas que possui um discurso real e que pode inspirar pessoas e ainda, o paradigma estabelecido a despeito da necessidade de comunicação e transmissão de saberes entre as comunidades rurais, populares, camponesas e ou afrodescendentes com a comunidade científica, evidenciando o papel da comunicação nos processos de Apropriação Social do Conhecimento.

Todas essas questões colaboram para a construção desta teia complexa e repleta de nós e emaranhados, que vai se consolidando como o próprio tecido social. Assim, na medida em que, a sociedade vai interagindo e modificando os discursos, as práticas e as epistemes geram novos sentidos para as tantas discussões, análises e observações que são devidamente amarradas e orquestradas pela batuta do pesquisador Miguel Rodrigues Netto, organizador da presente obra.

Desta maneira, o livro adquire ritmo cadenciado e as pesquisas aqui apresentadas traçam o panorama de um presente contínuo, que vê seu passado com olhos críticos, já que este é um processo contínuo de interpretações construídas pelo historiador que se debruça sobre o contexto e se esforça em desvendá-lo (FOUCAULT, 1999). E, de um futuro composto por um misto de preocupação e esperança.

Preocupação pelos tipos de relação que vem se estabelecendo, ou seja, a superficialidade, ou como preferia Bauman (2011), a liquidez das relações. E esperança porque a contemporaneidade vai adaptando o que era visto como desvantagem e agregando sempre novas perspectivas, olhares e ideias, adicionando soluções, como demonstram alguns exemplos que serão apresentados no decorrer do livro, dentre elas: a saída encontrada pelos responsáveis pelo Jornal Laboratório Ponto de Partida (JPP), do curso de Jornalismo da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) com o uso do aplicativo Discord para o gerenciamento das rotinas de produção do mesmo; o uso de *software* para prevenção ao uso de drogas, ou ainda, como sonhara Pierre Levy, lá atrás nos primórdios da cibercultura, a comunicação como ponte para apropriação social do conhecimento.

É uma obra panorâmica sobre a sociedade contemporânea, que abarca discussões e reflexões para uma gama ampla e complexa de questões. Com perspectivas críticas que podem contribuir para a construção de um futuro mais equilibrado para a humanidade, sobretudo a partir da comunicação mais equitativa e reflexiva.

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

JORNAL LABORATÓRIO PONTO DE PARTIDA: O USO DO APLICATIVO DISCORD PARA SIMULAR UMA REDAÇÃO JORNALÍSTICA

Mirian Martins da Motta Magalhães

Telma Regina Esteves Lanini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227091>

CAPÍTULO 2..... 14

FEMINICÍDIO NO HORÁRIO NOBRE: QUEM É A VÍTIMA REPRESENTADA NAS REPORTAGENS DO *JORNAL NACIONAL*?

Janie Kiszewski Pacheco

Gabriella Elisa Machado Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227092>

CAPÍTULO 3..... 27

HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO: DOS TAMBORES TRIBAIS ÀS TRIBOS DO METAVERSO

Geraldo Pieroni

Eduardo Fernando Uliana Barboza

Giovana Ferri

Joao Victor Silva de Sousa

Leandro Rachel Arguello

Marcos Antônio Nunes

Pedro Gabriel de Souza e Costa

Priscila Guglielmin

Roberta C. Gobbi Baccarim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227093>

CAPÍTULO 4..... 52

NARRATIVAS SERIADAS E MERCHANDISING EDITORIAL: MARCAS INSERIDAS NA MINISSÉRIE VERDADE SECRETAS

Fabio Henrique Feltrin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227094>

CAPÍTULO 5..... 67

USO DA MÍDIA ELETRÔNICA COMO AGENTE DE EDUCAÇÃO, INCLUSÃO E RECUPERAÇÃO DE TOXICÔMANOS

Janecler Foppa

Joaquim José Jacinto Escola

Otilia Monteiro Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227095>

CAPÍTULO 6..... 80

DE *IDOL* A SOLDADO E DE SOLDADO A *IDOL*: COMO A COREIA DO SUL

TRANSFORMOU O SERVIÇO DE PARK CHANYEOL EM UM EVENTO CULTURAL

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227096>

CAPÍTULO 7..... 99

SUPERMAN: ENTRE QUADRINHOS, DISCURSO E 11 DE SETEMBRO

Marcelo Travassos da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227097>

CAPÍTULO 8..... 113

ELEMENTOS DE HIBRIDISMO CULTURAL NA MÚSICA *LOIRINHA BOMBRIL* DE PARALAMAS DO SUCESSO

Miguel Rodrigues Netto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227098>

CAPÍTULO 9..... 127

COMUNICACIÓN, PUENTE PARA LA APROPIACIÓN SOCIAL DEL CONOCIMIENTO

Maira Alejandra Meléndez Nieto

Andrea del Pilar Pabón Méndez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5702227099>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 140

ÍNDICE REMISSIVO..... 141

CAPÍTULO 8

ELEMENTOS DE HIBRIDISMO CULTURAL NA MÚSICA *LOIRINHA BOMBRIL* DE PARALAMAS DO SUCESSO

Data de aceite: 01/09/2022

Miguel Rodrigues Netto

Doutor em Ciências Sociais – PUC/SP.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato

Grosso – PPGL/UNEMAT

<http://lattes.cnpq.br/5892152879005889>

RESUMO: Este capítulo constitui-se contribuição teórica sobre o tema hibridismo cultural e suas manifestações em música, no caso a canção *Loirinha Bombril*, do grupo Os Paralamas do Sucesso. O objetivo geral é demonstrar como uma peça artística pode trazer mais do que entretenimento e revelar valores da constituição de nossa identidade. Trata-se de uma pesquisa exploratória de base qualitativa. A metodologia utilizada foi análise do conteúdo da música selecionada e construção teórica por meio de levantamento bibliográfico selecionando as categorias: hibridismo e identidade para desvelar possíveis tensões entre as culturas que formam esse imenso mosaico chamado Brasil. Nossa análise está ancorada na tradição dos estudos da Escola de Frankfurt e também na perspectiva dos Estudos Culturais que dialeticamente tem pontos de divergência e complementaridade. Como resultados da pesquisa podemos destacar a importância dos meios de comunicação eletrônicos e digitais e das manifestações artísticas que são importantes instrumentos para desconstrução de estereótipos.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade, Comunicação de Massa, Hibridismo Cultural, Identidade,

Indústria Cultural.

ELEMENTS OF CULTURAL HYBRIDISM IN THE MUSIC *LOIRINHA BOMBRIL* OF *PARALAMAS DO SUCESSO*

ABSTRACT: This chapter constitutes a theoretical contribution on the subject of cultural hybridism and its manifestations in music, in this case the song *Loirinha Bombril*, by the group *Os Paralamas do Sucesso*. The general objective is to demonstrate how an artistic piece can bring more than entertainment and reveal values of the constitution of our identity. This is an exploratory research with a qualitative basis. The methodology used was an analysis of the content of the selected music and theoretical construction through a bibliographic survey, selecting the categories: hybridity and identity to reveal possible tensions between the cultures that form this immense mosaic called Brazil. Our analysis is anchored in the tradition of Frankfurt School studies and also in the perspective of Cultural Studies that dialectically has points of divergence and complementarity. As a result of the research, we can highlight the importance of electronic and digital media and artistic manifestations, which are important instruments for deconstructing stereotypes.

KEYWORDS: Alterity, Mass Communication, Cultural Hybridism, Identity, Cultural Industry.

ÉLÉMENTS D'HYBRIDISME CULTUREL DANS LA MUSIQUE *LOIRINHA BOMBRIL* DE *PARALAMAS DO SUCESSO*

RÉSUMÉ: Ce chapitre constitue une contribution

teórico sur le thème de l'hybridité culturelle et de ses manifestations musicales, en l'occurrence la chanson *Loirinha Bombril*, du groupe *Os Paralamas do Sucesso*. L'objectif général est de démontrer comment une pièce artistique peut apporter plus qu'un divertissement et révéler des valeurs de la constitution de notre identité. Il s'agit d'une recherche exploratoire à base qualitative. La méthodologie utilisée a été une analyse du contenu de la musique sélectionnée et une construction théorique à travers une enquête bibliographique, sélectionnant les catégories : hybridité et identité pour révéler d'éventuelles tensions entre les cultures qui forment cette immense mosaïque qu'est le Brésil. Notre analyse est ancrée dans la tradition des études de l'École de Francfort et aussi dans la perspective des Cultural Studies qui présentent dialectiquement des points de divergence et de complémentarité. À la suite de la recherche, nous pouvons souligner l'importance des médias électroniques et numériques et des manifestations artistiques, qui sont des instruments importants pour déconstruire les stéréotypes.

MOTS-CLÉS: Altérité, Communication de Masse, Hybridité Culturelle, Identité, Industrie Culturelle.

1 | NOTAS INTRODUTÓRIAS

O Brasil é um país de formação complexa e instigante. Todos que se arriscam a estudar algum aspecto da formação brasileira, seja ela social, econômica, política ou cultural se deparam situações peculiares, difíceis de explicar sob a ótica tradicional. O fato é que nosso país tem a capacidade de conviver com estruturas do passado e do presente em constante contradição e isso dá um verdadeiro nó na cabeça dos estudiosos que desejam entender a dinâmica nacional.

Como explicar que embora o Estado brasileiro atualmente na fase gerencial, inclusive consagra constitucionalmente com princípios como impessoalidade e publicidade ainda presente em suas entranhas características típicas do patrimonialismo adotado na fase do império e que seguiu como modelo até o governo de Getúlio Vargas. A final quem nunca ouviu ou viu um caso de apropriação pública para interesse privado, favorecimento de grupos de interesse com informações privilegiadas, etc. Por isso se diz que estudar o Brasil é tarefa para os teimosos e persistentes.

Nossa aventura aqui visa compreender um pouco mais da cultura brasileira por meio da análise de conteúdo da música *Loirinha Bombril* de autoria do grupo *Os Paralamas do Sucesso* que foi sucesso instantâneo no ano de seu lançamento em 1996. De lá para cá já se vão mais de 25 anos, mas seu conteúdo é atemporal e nos remete a pensar nos elementos que constituem nossa cultura e também é um exercício de olhar o outro muito válido para o momento histórico que estamos passando onde a intolerância motivada por uma falsa polarização política produz efeitos deletérios na sociedade.

2 | A QUESTÃO DA IDENTIDADE CULTURAL

Contextualizando sobre a identidade é importante frisar que conceitualmente esta discussão assume em princípio um caráter filosófico numa perspectiva mais lógica e metafísica. Neste sentido era vista como uma certa qualidade do que é idêntico, metaforicamente representado pelo simulacro do espelho. No entanto, a apropriação dos estudos pelo campo da cultura e de seu entendimento como sendo dinâmica (cultura em movimento) e mutável, trouxe uma nova dimensão para a questão da identidade, passando essa a ser compreendida “pela dinamicidade das construções simbólicas fluídas [...] que marcam simbolicamente a identidade e delimitam poder de inclusão ou exclusão” (Santos, 2011, p.143).

A complexidade da sociedade pós-moderna e sua conseqüente fragmentação em grupos de interesse em oposição aos sistemas fechados de lutas de classe trouxe uma gama enorme de sujeitos que passaram a reivindicar espaço para suas causas. Aí emergem movimentos como o feminista e o negro, só para citar alguns que se colocam na condição de movimentos sociais identitários, pois falam em nome de parcelas excluídas ou marginalizadas da sociedade.

Nessa esteira antropológica a identidade vem assumindo cada vez mais a conceituação que remete ao mutável, múltiplo e contraditório. Assim muitos pesquisadores tendem a entendê-la como um sentimento de pertencimento. Manuel Castells, famoso por sua obra *A Sociedade em Rede* onde desvenda as ramificações múltiplas dos processos socioculturais contemporâneos diz que “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo” (Castells, 2001, p.139).

Paradoxalmente temos a possibilidade de que num mesmo território possa existir mais de uma identidade, pois são terminologias que se referem a marcos conceituais diferentes. O território é marca geopolítica e jurídica enquanto povo consiste na coesão social gerada pelo pertencimento identitário. Neste sentido o que podemos dizer do município de São Paulo, o maior conglomerado urbano da América do Sul e que abriga em seu território cerca de 12 milhões de habitantes que coexistem neste espaço e mantém vivos os saberes e vivências de seu povo.

Historicamente, as cidades surgem provocando o povoamento espacial e a produção de espaços públicos. A ocupação coletiva gera heterogeneidade, de alguma forma misturando os habitantes e em diferentes graus desagregando os meios fechados e familiares. Há um trânsito que marca as cidades e que implica também certas formas de comunicação e de produção subjetiva. Tais experiências certamente se deixam afetar pelas novas formas da produção comunicativa. (CAIAPA, 2002, p.124).

A imensa colônia de origem italiana dos bairros da Mooca e Bixiga contrata facilmente com os imigrantes japoneses do bairro da liberdade e embora os atuais moradores sejam paulistanos é comum serem chamados de ítalo-brasileiro e nipo-brasileiros, pois mantém

vivos os costumes oriundos de seus povos originários. A figura 1 mostra o contraste cultural entre italianos e japoneses que vivem em São Paulo por meio da culinária. Enquanto no outdoor que dá boas vindas à Mooca o personagem saboreia uma bela macarronada italiana, na imagem ao lado um mercado de especiarias e um prato e Yaksoba, também a base de macarrão, típico da culinária japonesa.



Figura 1 - Contraste cultural de italianos e japoneses em São Paulo

Fonte: Google imagens (2022)

O complexo processo humano de pertencimento expresso pela identidade cultural e contraditoriamente pautada na diferenciação como pressuposto da própria construção da individualidade tem no conceito de alteridade um importante sustentáculo já que do ponto de vista antropológico entendemos que o ser humano é um ser social interdependente de outros seres sociais e que esse processo de interação se estabelece desde o ventre materno na alimentação e demais nutrientes recebidos da mãe gestante e prossegue por toda a vida.

O processo de construção da identidade passa necessariamente pela diferenciação frente ao outro. “Só há sentido em afirmar a nacionalidade brasileira, frente a um não brasileiro, caso contrário essa afirmação seria desprovida de sentido” (Santos, 2021, p.145-146). A rivalidade tão comum nos desportos de modo geral se afirma na alteridade. Um palmeirense constitui sua identidade na oposição ao outro, o corintiano, e vice-versa. Portanto, a alteridade que é o olhar sobre o outro que nos constitui enquanto singular é pautada na diferença o que serve de pressuposto para a compreensão dos fenômenos identitários presentes nos novos movimentos sociais.

A questão da identidade cultural pode ser vista também a partir dos holofotes dos estudos de comunicação. Na perspectiva marxista proveniente da teoria crítica e principalmente da valiosa contribuição de Theodor Adorno e Max Horkheimer com seu conceito de indústria cultural¹ onde essas manifestações atendem a lógica do modo

¹ Horkheimer, Adorno, Marcuse e outros referiram-se com o termo *indústria cultural* à conversão da cultura em mercadoria, ao processo de sudorninação da consciência à racionalidade capitalista, ocorrido nas primeiras décadas do século XX. Em essência, o conceito não se refere pois às empresas produtoras, nem às técnicas de comunicação. A televisão, a imprensa, os computadores, etc., em si mesmos não são a indústria cultural: essa é, sobretudo, um certo uso dessas tecnologias. Noutras palavras, a expressão designa uma prática social, através da qual a produção cultural

de produção capitalista e se convertem em produtos de consumo. Assim os meios de comunicação colocam na prateleira seus produtos gerando um consumo e por consequência inculcando valores simbólicos que tem a capacidade de produzir identidades. Essa manipulação produziria efeitos nocivos a processo de autonomia dos sujeitos. Os pesquisadores de Frankfurt criticavam a cultura de massa não pelo fato dela ser popular e sim porque ela conservava as marcas de violência e exploração das massas, que são a classe trabalhadora em última instância (Rüdiger, 2001).

Os estudos culturais da Escola de Birmingham discordam dos frankfurtianos no que concerne a manipulação dos meios sobre as pessoas. Para eles o que existe é uma influência dos *mass media*, mas os espectadores não são passivos nesse processo e portanto o que se estabelece aí é um campo de conflitos onde a construção da identidade se faz na contradição entre aquilo que causa repulsa e o que dá prazer simbólico. Estudiosos desta escola como o jamaicano Stuart Hall analisou os efeitos da televisão enquanto meio de disputa de conteúdos que não são simplesmente absorvidos pelos espectadores. Jesús Martín-Barbero, pesquisador latino americano debruça sobre os efeitos da recepção de conteúdos dos mass media e da reflexão crítica a partir deles.

O *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS)² da Universidade de Birmingham onde se constitui o campos dos estudos culturais publica em 1978 o trabalho intitulado “*A Study of Working Class Women at Home: Femininity, Domesticity and Maternity*”³ que apontam para o deslocamento dos estudos para o campo da recepção (Escosteguy, 2001).

Trazendo novamente Manuel Castells para nosso debate temos que “é preciso diferenciar identidades culturais e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis sociais” (Castells, 2001, p.23). No caso dos papéis sociais que uma pessoa desempenha na sociedade como por exemplo, trabalhadora, mãe, esposa, filha, vizinha, professora, podemos dizer que em cada espaço social, existem estruturas determinadas seja pelo poder simbólico ou mesmo institucional e/ou jurídico. Tais papéis são vinculadas as diferentes funções que uma pessoa desempenha enquanto a identidade faz referência aos significados para os próprios atores.

Construindo nosso itinerário de análise podemos dizer que se a identificação e a diferenciação fazem parte de um processo de construção identitária e que isso vale para a cultura enquanto expressão da experiência de um povo, vamos chegar então ao porto das fronteiras, espaço controverso de estabelecimento de limites onde uma cultura se encontra com outra e que dependendo da perspectiva esse encontro produzirá uma aculturação ou uma transculturação, mas esse terreno espinhoso será tratado no próximo tópico.

e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado (Rüdiger, 2001, p.138).

2 Em língua portuguesa: Centro Contemporâneo de Estudos Culturais.

3 Em língua portuguesa: Um estudo das mulheres da classe trabalhadora no lar: feminilidade, domesticidade e maternidade

3 | HIBRIDISMO CULTURAL E TRANSCULTURAÇÃO

Iniciamos a discussão sobre hibridismo a partir da definição da palavra híbrido conforme consta no dicionário de língua portuguesa:

[Genética] Que foi alvo do cruzamento entre espécies, raças, variedades ou gêneros distintos, sendo seu descendente (no caso de um animal) geralmente infértil. Que possui progenitores cujos genótipos, composição genética, são diferentes; mestiço: indivíduo híbrido. **[Linguística]** Que se forma a partir da junção de palavras pertencentes a outras línguas: vocábulo híbrido (Dicionário Online de Português, 2021).

A definição do dicionário embora parta da genética nos serve de ponto de partida pois apresenta oportunamente que algo híbrido é o resultado do encontro de duas espécies diferentes. Na linguística isto também se aplica porque a partir de palavras de idiomas diferentes se origina uma nova palavra híbrida como, por exemplo, bicicleta, que é formada dos radicais *bi* (de origem latina) e *ciclo* (de origem grega).

Nestes tempos pós-modernos de fragmentação discursiva, de culto ao grupo de interesses como sinônimo de classe, de relações superficiais e imediatas e também das mudanças na esfera econômica com o advento da globalização e com ela a reestruturação produtiva do trabalho por meio do toyotismo e da acumulação flexível, a formação de hibridismos culturais está sobremaneira favorecida.

O avanço da tecnologia, os meios digitais, principalmente as redes de circulação e a plataformização da vida, agravada pela pandemia de Covid-19 trouxe um cenário de simultaneidade jamais visto em que saberes, culturas e opiniões sobre os mais diversos temas circulam em tempo real mundo afora. Não se trata mais de analisar o ciberespaço e nem mesmo a cibercultura, trata-se de compreender os efeitos que os fluxos digitais causam nas estruturas macro da política, da sociedade, da economia e da cultura.

Estamos vivenciando um momento em que os movimentos se organizam e mobilizam multidões a partir das redes sociais. Eleições se ganham e se perdem pela atuação de agentes humanos e não-humanos nas redes. Os fluxos de capitais ocorrem 24 horas por dia mediados pelas redes⁴. E na pandemia vivemos uma vida de *lives* que ocorriam o tempo todos no interior das plataformas digitais. O próprio capitalismo se valeu das plataformas como *Uber*⁵, *I-food* para se desenvolver na pandemia.

4 O capital é gerenciado vinte e quatro horas por dia em mercados financeiros globalmente integrados, funcionando em tempo real pela primeira vez na história: transações no valor de bilhões de dólares são feitas em questão de segundos, através de circuitos eletrônicos por todo o planeta. As novas tecnologias permitem que o capital seja transportado de um lado para o outro entre economias em curtíssimo prazo, de forma que o capital e, portanto, poupança e investimentos, estão interconectados em todo o mundo, de bancos a fundos de pensão, bolsa de valores e câmbio. Os fluxos financeiros, portanto, tiveram um crescimento impressionante em volume, velocidade, complexidade e conectividade (CASTELLS, 1999, p.143).

5 O trabalhador uberizado deixa evidente em plena pandemia o viver sem garantias que envolve estratégias cotidianas de sobrevivência subordinadas a novos meios de exploração e subordinação do trabalho. Não como exceção, mas como materialização de uma forte tendência que hoje costura o mundo do trabalho, esses trabalhadores dão visibilidade à redução do trabalhador a um trabalhador sob demanda, que arca com os riscos e custos de seu trabalho e é remunerado estritamente pelo que produz, ao mesmo tempo em que está disponível ao trabalho. (ABÍLIO, 2021, p. 264).

Vivemos na sociedade em rede (Castells, 1999) no mundo da cibercultura (Lévy, 1999) em plena modernidade líquida (Bauman, 2001) e todo esse fluxo se dá por meio das plataformas e das redes digitais de confluência de conteúdo. Esse contexto nunca foi tão favorável a ideia do empreendedorismo tão difundida entre os neoliberais para mascarar o desemprego. Siveira (2022), diz que as plataformas de trabalho materializam o sonho neoliberal de reduzir o custo com folha de pagamentos, direitos trabalhistas e demais direitos sociais pois transformam quem opera com suas estruturas em usuários ou prestadores de serviços autônomos. Segundo essa lógica [...] “o motorista do Uber e o entregador do Rappi ou iFood é retratado como um empreendedor de si, ocultando sua completa precarização e fragilidade contratual” (SILVEIRA, 2022, p.08).

O hibridismo cultural é um conceito múltiplo que pode ser explicado como o processo de contato entre diferentes culturas e que produz novas manifestações culturais que numa perspectiva dialética contém contraditoriamente pontos de conflito e de convergência com as culturas originárias. Podemos dizer que a construção de identidades nacionais a partir dos processos de colonização passa pelo hibridismo cultural na medida em que a colônia recebeu valores, crenças e modos de vida da metrópole, mas também viu emergir seus próprios modos de agir, de pensar e de pertença gerando aí novas construções identitárias. “É nesse plano analítico que situo a discussão de hibridismo, no sentido, de pluri, ou seja, várias identidades em constante interação” (Ribeiro, 2019, p. 62).

Para exemplificar, o hibridismo das identidades sociais num contexto (pós) colonial culturalmente tão rico e nuançado como o latino-americano, não é apenas um instrumento de ruptura com a “unidade” cultural do colonizador, desterritorializando tanto grupos hegemônicos (num nível mais atenuado) quanto subalternos (num nível muito mais violento), mas representa também uma forma de resistência/ reterritorialização às vezes bastante rica, recriando, pela mistura, novas formas de construção identitário-territorial (Haesbaert, 2012, p.31).

A mobilidade física, ou seja, o deslocamento de pessoas por diversas partes do mundo é um fator que favorece o hibridismo cultural, mas esse processo é complexo e envolve e há que se distinguir o que é caráter potencial do efetivo conforme explica (Haesbaert, 2012, p. 35) “A burguesia planetária se desloca muito, mas quase sempre frequentando os mesmos lugares, ignorando a imensa diversidade cultural - e territorial - que se estende ao seu redor”.

A construção desta identidade híbrida estabelece limites transfronteiriços. Vejamos: crianças bolivianas que estudam estudam numa escola brasileira situada na região de fronteira tem a rotina de vir todos os dias ao Brasil e tem contato com a língua portuguesa, estando inseridas também num sistemas escolar diferente de seus compatriotas que estudam do outro lado da fronteira. Desta feita tais crianças trocam experiências culturais diárias com outras crianças brasileiras o que produz uma cultura híbrida expressa inclusive no seu idioma que passa a incorporar elementos do português (Carvalho *et al*, 2022).

Espaços como esses se tornaram paradigmáticos porque estão muito mais suscetíveis aos processos de hibridização que ocorrem ali de forma quase que espontânea (Haesbaert, 2012). Na fronteira é muito comum uma identidade cultural ultrapassar os limites de um país constituindo-se multinacional, como no caso dos gaúchos:

[...] o sentimento de pertença a diferentes nações, e as características específicas que as formaram, podem ser percebidas participando da memória de brasileiros, uruguaios, argentinos e paraguaios, configurando suas respectivas identidades nacionais. Entre outras questões relativas ao jogo identitário que abordaremos ao longo dessa tese, foi possível observar em alguns casos o sentimento de pertença à identidade étnica gaúcha sendo partilhado por fronteiriços de nacionalidades diferentes (Brandalise, 2021, p. 183).

O movimento teórico realizado pelo sociólogo cubano Fernando Ortiz a partir dos anos 1940 não é apenas de valor semântico, uma mera troca de termos. Quando ele substitui o termo aculturação por transculturação o pressuposto muda completamente. Ao invés de difundir o discurso do colonizador e aceitar passivamente o que veio da metrópole como via de mão única, ele na verdade aponta para processos de resistência tanto dos povos originários da América Latina quanto dos imigrantes das nações europeias e africanas que aqui se estabeleceram e que uma vez por aqui trouxeram influência, mas também foram influenciados pelos modos de vida d'além mar. Mignolo aponta que a transculturação:

[...] representa melhor as diferentes fases do processo de transição de uma cultura para outra, porque isso não implica apenas em adquirir outra cultura, que é o que a palavra aculturação realmente implica, mas o processo envolve também, necessariamente, a perda ou o desenraizamento de uma cultura anterior, que poderia ser definida como desculturação. Além disso, implica a ideia da conseqüente criação de novos fenômenos culturais, que se poderia chamar de neoculturação [...] os descendentes sempre têm algo dos dois genitores, mas são sempre diferentes de cada um deles (Ortiz, apud Mignolo, 2003, p. 235).

No Brasil a Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo em 1922 representa não só uma crítica a importação dos padrões europeus nas artes, na música e na literatura como também é uma demonstração de transculturação na medida em que lançaram o *Manifesto Antropofágico* liderado por Oswald de Andrade. O conhecido texto dizia que precisamos “comer” a cultura estrangeira deglutir os valores presentes n’outras artes e recriar nossa própria identidade. Oswald dizia que “só a antropofagia nos une, tanto social quanto econômica e filosoficamente” (Andrade, 1995, p.47).

Como um exemplo de hibridismo nacional os artistas e intelectuais da Semana de 1922 propunham que o país assumisse as rédeas de sua cultura reconhecendo as contribuições estrangeiras, mas sem colocá-las em patamar de superioridade, pelo contrário, elas deveriam ser resignificadas a partir do contexto brasileiro. Aqui temos “o hibridismo como força, a antropofagia⁶ como arma: devorar é instigar a recriação constante,

6 [...] esse vocábulo denota a ação de comer carne humana, associado erroneamente com a prática canibal, que con-

o brotar de um pensamento mítico-poético indomável pelo utilitarismo e a domesticação do pensamento e das identidades euro-colonizadoras” (Haesbaert, 2012, p. 33). A estratégia do movimento era:

Destruir para construir em cima. Deglutir para, de posse do instrumental do “inimigo”, poder combatê-lo e superá-lo. Deglutir o velho saber, transformando-o em matéria-prima do novo. [...] a contrapartida dessa atitude de inércia ideológica e cultural, de brutal assimilação que legitimava a influência estrangeira, seria a atitude antropofágica de “deglutir” o saber europeu, “devorando-o” não mais para incorporá-lo de modo mecânico mas para absorvê-lo dialeticamente na tentativa de abraçar a nossa cultura, dando-lhe uma identidade. [...] dessacralizar a herança cultural do colonizador para inaugurar uma nova tradição (Maltz, 1993, p. 11).

Na figura 2 temos um retrato do poeta Oswald de Andrade no tempo da Semana de Arte Moderna e o Manifesto Antropofágico publicado em 1928 na Revista de Antropofagia.



Figura 2 - Oswald de Andrade e o Manifesto Antropofágico

Fonte: Google imagens (2022)

Podemos dizer que a partir da Semana de 1922 houve um forte movimento nas diversas expressões artísticas de rompimento com a aculturação e em prol da transculturação. Esse movimento seguiu e encontrou ressonância na música do movimento tropicalista dos anos 1960 que utilizava instrumentos estrangeiros como a guitarra elétrica

siste em um animal devorar outro pertencente à mesma espécie. Esse tema sempre causou certo desconforto entre os ocidentais, uma vez que desconsideram a cultura tribal. Dentro da cultura tribal, há a prática de um ritual denominado de antropofágico, cujo objetivo era colocar os indígenas em contato com os deuses (Cândido & Silvestre, 2016, p.244).

para falar das mazelas da vida brasileira nos anos de chumbo da ditadura militar, sendo portanto mais um exemplo de hibridismo cultural.

4 | OS PARALAMAS DO SUCESSO E A MÚSICA “LOIRINHA BOMBIL”: HIBRIDISMO DA CULTURA BRASILEIRA

O grupo musical *Os Paralamas do Sucesso* é uma banda de estilo pop rock nacional formada em 1982 e que tem desde sua formação inicial o músico Herbert Vianna como vocalista. A banda é desde a fundação uma das mais influentes da cena nacional e ao lado de outras como *Barão Vermelho*, *Biquini Cavadão*, *Capital Inicial*, *Legião Urbana* e *Titãs* formou gerações de fãs em todos os cantos do Brasil e também fora dele.

Nossa análise recai sobre a música lorinha bombril lançada em 1996 pelos Paralamas e que foi inspirada na canção *Parate y Mira (Pare e Olhe)* da banda argentina *Los Pericos*. As letras não se parecem muito o que evidencia o processo de transculturação onde se observa influência, mas não aderência ao original. A seguir demonstramos uma estrofe da canção *Parate y Mira* com a respectiva tradução ao português:

[...]

Y el cha cha cha va moviendo a la morocha/E o cha cha cha está movendo a morena,
con ese ritmo se pone palpitante./com esse ritmo fica palpitando,
esa morocha no es para principiantes/aquela morena não é para iniciantes
quién más quisiera ser el mejor navegante./quem mais gostaria ser o melhor navegador,
lleva bien puesto su vestido escotado./ela usa bem seu vestido decotado,
va caminando con su pelo ensortijado./ele anda com seus cabelos cacheados,
se va moviendo como un gato enjaulado./se move como um gato enjaulado
paso tranquilo, que va de lado a lado./passo calmo, que vai de um lado para o outro.

[...]

Na versão argentina da canção o enfoque é bem característico de melodias latinas com sonoridade dançante e sensual. A morena narrada na música é uma mestiça o que se percebe pelo verso pelo ensortijado (cabelo cacheado) e sua sensualidade é evidenciada pelos versos *esa morocha no es para principiantes* (aquela morena não é para iniciantes) e *se va moviendo como un gato enjaulado*, (se move como um gato enjaulado). Essa letra não deixa de ser um retrato estereotipado da mulher latina, pois a questão física como pressuposto estético e não cultural está em evidência.

Em loirinha bombril *Os Paralamas* vão muito além da canção original. A maior influência da versão portenha pode ser vista no primeiro verso ‘*Pára e repara*’ que faz menção ao título da canção argentina. Mas a sutileza, o valor simbólico e os temas abordados são mais complexos. Temos aqui a miscigenação étnica, o regionalismo, o poder político, o consumo globalizado, a questão social, só para ficar nos principais temas

presentes na letra. E isso sob um forte apelo de hibridismo conforme analisaremos a seguir.

Na segunda estrofe os versos '*Essa crioula tem o olho azul*' e '*Essa lourinha tem cabelo bombri!*' introduz de forma sagaz traços genéticos que estão propositadamente trocados. O mais esperado era a crioula com cabelo bombri e a lourinha com o olho azul, mas a formação étnica brasileira com os diversos povos que se mesclaram é capaz de produzir dezenas de tipologias humanas. Aqui já estavam dezenas de povos indígenas e se juntaram a diversos povos europeus e africanos de diversas partes para formar essa imensa miscelânea cultural. A quebra de paradigma aí não deixa de ser também uma crítica ao padrão estético da arte e da mídia onde ainda se vê a constante presença dos estereótipos.

Na mesma estrofe os versos '*Aquela índia tem sotaque do Sul*' e '*Essa mulata é da cor do Brasil*' continuam com a riqueza de conteúdo porque traz a questão regional muito importante para entender a identidade brasileira. A região Sul tipicamente associada aos imigrantes europeus é tem como personagem uma índia e a mulata não está restrita a influência cultural dos povos africanos e sim retratada como legítima representante de toda a coletividade brasileira. É mais uma ruptura com os estereótipos e o lugar comum.

Na estrofe seguinte a complexidade só aumenta com os versos '*A cozinheira tá falando alemão*' e '*A princesinha tá falando no pé*' o compositor "brinca" com o verbo falar e diz sobre o lugar social da cozinheira que é a senzala, o lado serviçal da sociedade brasileira escravocrata, mas não se trata de uma serviçal comum pois ela está falando alemão, o que ironicamente induz que sua posição social não é tipicamente de uma cozinheira. Já a princesinha que tá falando no pé sabe sambar e todos nós sabemos que o samba é um ritmo musical sinônimo da negritude. A nobreza, a priori, não sabe sambar, mas o deslocamento da letra levou a alemã para cozinha e a princesa para roda de samba, sensacional forma de refutar o papel social imposto pela elite brasileira.

Não menos significativos são os versos '*A italiana cozinhando o feijão*' e '*A americana se encantou com Pelé*' porque a Itália que é mundialmente conhecida por suas massas aqui é deslocada e influenciada pelo tempero brasileiro. E a americana que se encanta com Pelé é mais uma jogada semântica porque remete ao processo reverso de influência cultural, ao invés de uma brasileira se encantar por Michael Jackson ou por Frank Sinatra é a cidadã da terra do tio sã que se encanta por um personagem tipicamente nacional e que representa o esporte mais popular daqui e que lá tem até outro nome.

No estrofe seguinte a temática adentra a esfera do consumo e da globalização que com certeza cria e ressignifica processos culturais '*Häagen-dazs de mangaba*' é um luxo só, porque imagina uma marca de sorvete sueca com sabor aqui dos trópicos? Isso seria possível neste mundo híbrido cantado pelos Paralamas onde os lugares são mutantes e autoinfluenciados. '*Chateau canela-preta*' é mais um verso global porque traz o charme do vocábulo francês que significa castelo com a peculiaridade da canela preta. E o que dizer de '*Cachaça made in Carmo dando a volta no planeta*'. Aqui um produto tipicamente

brasileiro que é a cachaça aparece imerso na globalização pois ganhou rótulo em inglês “made in Carmo” e está dando a volta no planeta. Dá até para imaginar um operador da bolsa em Wall Street tomando uma cachaça por lá.

Nesta estrofe ainda a coisa fica mais séria com ‘*Caboclo*’ presidente trazendo a solução’ e ‘*Livro pra comida, prato pra educação*’. Aqui embora não haja uma crítica veemente podemos inferir que a classe política sempre está “pronta” a apresentar soluções que não resolvem as questões nacionais. E a troca de termos no verso seguinte é reveladora. A ordem natural seria livro pra educação e prato pra comida”, mas citando outra famosa banda, no caso os Titãs “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte”. Por isso Paralamas fazem esse apelo contra a fome de comida e de saber. Na figura 3 a banda *Os Paralamas do Sucesso* autores da música *Loirinha Bombril* e os autores da música inspiradora *Parate y Mira*, a banda argentina *Los Pericos*, que em tradução livre significa Os Papagaios.



Figura 3 - Os Paralamas do Sucesso e Los Pericos
Fonte: Google imagens (2022)

A letra da canção *Loirinha Bombril* tem muitos elementos que remetem a nossa identidade múltipla e híbrida fruto das redescobertas que fizemos a partir das matrizes formadoras da nossa sociedade. Lá estão o samba, a mulata, o feijão, a mangaba, a princesa (que remete ao nosso controverso passado imperial) e também Pelé. Trata-se de uma obra crítica e complexa e que nem por isso deixou de ser um dos maiores sucessos da banda sendo cantada até hoje por gerações inclusive posteriores. É uma demonstração de que é possível furar a bolha da indústria cultural com música que vai além do entretenimento e que rompe com estereótipos.

7 No Brasil, o termo “caboclo” é utilizado de diversas formas e possui inúmeros significados. Deborah de Magalhães Lima destaca duas etimologias para a palavra caboclo: a primeira deriva do tupi *caa-boc*, que significa “homem que vem da floresta” e a segunda origina-se do tupi *kari'boka*, que quer dizer “filho do homem branco (Lima, 1999, p.09).

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização, autogerenciamento e o governo da viração**. Revista Margem Esquerda, São Paulo: Boitempo, n. 36, p. 55 a 69, 2021.

ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. 2. ed. São Paulo: Globo, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRANDALISE, Roberta. **Aproximações entre perspectivas antropológicas e dos estudos culturais no campo da comunicação**. *IN: Epistemologia e metodologia da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*/ organizador Ezequiel Martins Ferreira. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

CAIAFA, Janice. **Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

CÂNDIDO, Weslei Roberto; SILVESTRE, Nelci Alves. **O discurso da antropofagia como estratégia de construção da identidade cultural brasileira**. Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 38, núm. 3, pp. 243-251, 2016

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001. **DICIONÁRIO ONLINE DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2021.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. *IN: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

HAESBAERT, R. **Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade**. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L’Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALTZ, B. Antropofagia: rito, metáfora e pau-brasil. In: Maltz, B.; Teixeira, J. E Ferreira, S. (Org.). **Antropofagia e Tropicalismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

MIGNOLO, W. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

RIBEIRO, Ione Cristina Dantas. **NEORURAIS: uma identidade em construção na era da globalização**. *IN: A interlocução de saberes na antropologia*. Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

RÜDIGER, Francisco. **A Escola de Frankfurt**. *IN: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.

SANTOS, Luciano dos. **As Identidades Culturais: Proposições Conceituais e Teóricas**. Revista Rascunhos Culturais, Coxim/MS. V.2, N°4, p.141-157, jul.-dez. 2011.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Capitalismo Digital**. *IN*: Revista Ciências do Trabalho, São Paulo, v. 20, 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artistas 41, 80, 84, 86, 91, 100, 120

C

Carreira 36, 56, 81, 84, 86

Comunicação 1, 3, 7, 13, 14, 20, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 44, 48, 49, 52, 53, 54, 65, 66, 68, 72, 74, 99, 100, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 125, 128, 140

Comunidade 127, 128, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138

Conocimiento 127, 128, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Cultura 3, 6, 9, 27, 28, 30, 45, 49, 75, 80, 99, 100, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 130, 134, 136, 138

D

Discurso 34, 39, 50, 53, 54, 55, 66, 89, 99, 100, 101, 102, 109, 111, 112, 120, 125, 140

E

Educação 2, 7, 9, 12, 29, 30, 66, 67, 68, 69, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 101, 124, 128, 140

F

Feminicídio 14, 15, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25

G

Gênero 14, 15, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 45, 49, 53, 100, 101, 111

H

Herramientas 127, 128, 129, 131, 136

J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 17, 18, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 50, 102, 140

L

Legislação 23, 75, 76

M

Merchandising 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Metaverso 27, 28, 32, 33, 48, 50

Mídia 14, 17, 30, 48, 53, 54, 55, 66, 67, 68, 75, 77, 78, 99, 111, 123, 140

P

Paradigma 30, 123, 130

Participación 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 139

Política 25, 28, 29, 34, 35, 39, 45, 46, 50, 100, 102, 107, 109, 110, 111, 114, 118, 124, 131, 137, 139, 140

Q

Quadrinhos 99, 100, 104, 105, 111, 112

R

Redes sociais 3, 4, 5, 7, 8, 34, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 76, 82, 93, 118

Reflexão 1, 2, 3, 9, 10, 38, 52, 117

S

Saúde 34, 45, 48, 71, 73, 74, 75, 76

Social 1, 2, 3, 4, 10, 11, 14, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 31, 39, 46, 47, 48, 50, 53, 66, 68, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 89, 97, 99, 101, 102, 109, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 122, 123, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Sociedade 4, 10, 13, 16, 17, 23, 24, 38, 40, 53, 54, 68, 72, 74, 75, 76, 89, 101, 102, 109, 114, 115, 117, 118, 119, 123, 124, 125, 140

T

Tambores 27, 28, 29, 31

Televisão 14, 18, 19, 21, 24, 25, 31, 32, 35, 52, 53, 54, 65, 69, 73, 75, 85, 92, 100, 102, 116, 117

Toxicômanos 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 78

Transformação 37, 41, 59, 60, 101

Tribos 27, 28, 29

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

3

